

# O imperativo do Brasil Global frente às armadilhas meridionais

DOI: 10.61623/ipri-pb.n1.a09

---

Daniel Afonso da Silva<sup>1</sup>

*Eu não sei se é bom estar no BRICS, mas não estar no BRICS não é uma boa.*

Marcos Azambuja (1935-2025)

## Resumo executivo

A presidência brasileira dos BRICS em 2025 valorou a defesa do multilateralismo, o revigoramento da interação entre os membros do grupo e a tônica do revisionismo das instituições internacionais, notadamente a Organização das Nações Unidas, o Conselho de Segurança e o Sistema Monetário Internacional<sup>2</sup>.

Essa valoração decorreu de certa ideia da ação exterior brasileira ancorada na necessidade de harmonização de aporias dos países dos BRICS junto a seu *alter ego*, o Sul Global<sup>3</sup>.

Não ao acaso, o lema da presidência brasileira foi “Fortalecendo a cooperação no Sul Global por uma governança mais inclusiva e sustentável”<sup>4</sup>.

Os êxitos protocolares dessa presidência foram inquestionáveis. Mas, no plano substantivo, ela tendeu a fugir das discussões mais candentes do momento. Discussões que dizem respeito ao entendimento e ao enfrentamento das conjunturas de instabilidades voláteis de conflitualidades de alta e altíssima intensidades, inauguradas após a crise sanitária do biênio 2020-2021 pela

---

1 Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo, pós-doutor em Relações Internacionais pela *Sciences Po* de Paris, pesquisador do Núcleo de Pesquisas em Relações Internacionais da Universidade de São Paulo, pesquisador voluntário no Instituto de Pesquisas em Relações Internacionais da Fundação Alexandre de Gusmão, articulista do *Jornal da USP* e professor na Universidade Federal da Grande Dourados.

2 LYRIO, Maurício. Entrevista. *CEBRI-Revista*, n. 13, p. 141-149, jan./mar. 2025.

3 VIEIRA, Mauro. Brics, diplomacia criativa para um mundo em crise. *CEBRI-Revista*, n. 13, p. 14-21, jan./mar. 2025.

4 BRICS Brasil. Disponível em: <<https://brics.br/pt-br>>. Acesso em: 2 out. 2025.

nova fase da tensão russo-ucraniana, a reorientação da economia da Rússia para a Ásia e para o Oriente Médio, a aceleração política, econômica e social da entropia da União Europeia, a nova fase das tensões médio-orientais nos territórios de Gaza e o retorno do presidente Donald J. Trump à presidência dos Estados Unidos.

Essas conjunturas ampliaram sobremodo a complexidade das inseguranças mundiais latentes do presente século, transformando a tentação do Sul Global em armadilha intelectual, política e moral perigosa. Especialmente para o Brasil<sup>5</sup>.

## Introdução e análise

A consciência hemisférica da realidade do Sul começou a se afirmar nos séculos XVII e XVIII, sob iluminismos e colonialismos europeus, quando populações em espaços coloniais começaram a desenvolver o sentimento de *viver em colônia* e não tardaram a forjar suas identidades e independências nacionais ao longo do século XIX. No século seguinte, o esboroamento dos impérios russo, otomano e austro-húngaro e a imposição da autodeterminação dos povos após as guerras totais de 1914-1945 amplificaram ainda mais essa consciência na África, na Ásia e na América Latina. Continentes meridionais que Alfred Sauvy conceitualizou de terceiro mundo ao definir que “Ce tiers-monde ignoré, exploité, méprisé comme le Tiers-État veu, lui aussi, être quelque chose” [esse terceiro mundo ignorado, ignorado, desconsiderado como o terceiro estado também deseja ser alguma coisa]<sup>6</sup>.

No pós-guerra, essa ideia de terceiro mundo passou a servir de suporte às ações das agências das Nações Unidas em praticamente todos os países subdesenvolvidos. *Pari passu*, a UNESCO solicitou um estudo a Claude Lévi-Strauss sobre a variedade culturais desses espaços mundiais, o que resultou no importante *Race et Histoire*<sup>7</sup> e serviu de orientação da primeira grande reunião de países de terceiro mundo organizada em Bandung em 1955.

Da interação de Bandung emergiram críticas severas à supremacia do Ocidente sobre os negócios do mundo, assim como o imperativo de construção de alternativas. Como resultado, organizaram-se o grupo de países não-alinhados, o G77 e a UNCTAD entre 1961 e 1964<sup>8</sup>.

5 TERTRAIS, Bruno. *La Guerre des mondes: le retour de la géopolitique et le choc des empires*. Paris: L'observatoire, 2023a.

6 SAUVY, Alfred. *Trois mondes, une planète. Le nouvel observateur*, 14 ago. 1952.

7 LÉVI-STRAUSS, Claude. *Race et histoire*. Paris: Unesco, 1952.

8 SOUTOU, Georges-Henri. *La guerre froide, 1943-1990*. Paris: Pluriel, 2011.

Nesse entremeio eclodiu, por um lado, a Guerra do Vietnã e, por outro lado, a aceleração dos processos de descolonização na África e na Ásia. Adicionalmente, a Índia avançava para mais autonomia. A China seguia imersa em seu maoísmo. Os latino-americanos sorviam o choque da Revolução Cubana de 1959. Os africanos seguiam as suas batalhas pela independência. E os médio-orientais relutavam em aceitar o estado de Israel<sup>9</sup>.

Nessa conjuntura, o ativista norte-americano Carl Preston Oglesby (1935-2011) propôs a imagem Sul Global em substituição à ideia de terceiro mundo para gerar e induzir maior solidariedade dos países subdesenvolvidos em favor do Vietnã<sup>10</sup>.

Essa imagem ficou, no entanto, hibernando nos anos que seguiram, até que no início do século XXI, na esteira da criação do acrônimo BRIC em 2001 e da eclosão da crise financeira mundial em 2008, ela foi sendo reabilitada como passaporte seguro para dias bons aos outrora países subdesenvolvidos do terceiro mundo. Mas, ao mesmo tempo, a sua incongruência veio à tona e o sul globalismo – também entendido por meridionalismo – começou a ser combatido pelos fatos<sup>11</sup>. Inicialmente, cartográficos.

A China, a Rússia e a Índia, suas grandes vedetes do BRICS e do Sul Global, situam-se, cartograficamente, no hemisfério Norte. Ao passo que Austrália e Nova Zelândia, dimensões incontestáveis do extremo-ocidente, ficam no hemisfério Sul.

Para além disso, foi ficando mais que evidente que Norte nem Sul possuem unidade em si nem para si. Muito menos coerência política, econômica, histórica, cultural, emocional e espiritual.

Adicione-se a isso o fato de a China – que está no Norte, não no Sul – desde 1971, quando Pequim suplantou Taipei, virou um membro do Conselho de Segurança das Nações Unidas. E a peculiaridade dessa condição inviabiliza a sua participação normal e natural em qualquer outra aglomeração, visto que a sua superioridade política, nesses termos, gera constrangimentos inquestionáveis aos eventuais parceiros. A Rússia, de sua parte, participa desse grupo seletivo saído de 1945 e nada consegue minorar a sua imperiosidade. A Índia não figura como membro-permanente do Conselho de Segurança e,

---

9 *Id., ibid.*

10 TERTRAIS, 2023a.

11 TERTRAIS, Bruno. Le piège du Sud Global. *Le Grand Continent*, 3 oct. 2023b.

conforme vai ganhando destaque demográfico e econômico, reivindica-se, mais e mais, como “não ocidental, mas não antiocidental”<sup>12</sup>.

Síria e Irã abraçam-se ao tônus ideológico russo. Arábia Saudita busca todas as formas de se norte-americanizar sem ocidentalizar-se. A Malásia, em plena decolagem econômica, segue a Arábia Saudita. A Zâmbia, com um produto *per capita* dez vezes inferior ao da Malásia, busca abrigo no ambiente sino-russo. O Uruguai democrático nega qualquer vinculação aos ideários do Sul que se quer global e se pudesse deixaria, inclusive, o Mercosul. O Sudão do Sul, mesmo estando no Sul, daria tudo para estar, mentalmente, em qualquer outro lugar que lhe portasse um mínimo de amenidades. Tunísia, Libéria e Quênia participam do grupo de contato de países neutros que intermediam a relação entre a Ucrânia e Rússia no conflito. Jordânia, Marrocos, Paquistão e Sudão, em contraponto, alimentam os ucranianos com armamentos. Contradição maior não poderia haver, mas existe<sup>13</sup>.

A rivalidade sino-indiana, que vem de longe, foi explicitada nas negociações para a ampliação dos BRICS. A tensão mental entre brasileiros e argentinos, marroquinos e argelinos, etíopes e eritreus, iranianos e sauditas, que nunca foi negada nem superada, inviabiliza qualquer modificação revisionista mais consistente das instituições que saíram de 1945. Mesmo que os cinco membros-permanentes do Conselho de Segurança ofertassem maiores brechas – o que não está no horizonte – nenhum desses países do dito Sul Global receberia apoio de seus vizinhos continentais<sup>14</sup>.

O retorno do presidente Lula da Silva ao poder reforçou a intenção de melhor posicionar o Brasil no interior das aglomerações BRICS e Sul Global. Entretanto, essas aglomerações têm projetado mais armadilhas que soluções. Os exemplos mais eloquentes podem ser observados nas hesitações do Brasil ao encontro da situação na Eurásia e no Oriente Médio, onde a ação exterior do presidente Lula da Silva ora se inclina para certa tradição de neutralidade, não ingerência e resolução pacífica de conflitos e ora ensaia condenar – sem ir às últimas consequências – as ações da Rússia e de Israel.

---

12 GOURDANT-MONTAGNE, Maurice. “D’une certaine manière, les Indiens sont les derniers gaullistes”, une conversation avec Maurice Gourdault-Montagne. *Le Grand Continent*, 13 set. 2023. Disponível em: <<https://legrandcontinent.eu/fr/2023/09/13/les-indiens-sont-les-derniers-gaullistes-une-conversation-avec-maurice-gourdault-montagne/>>. Acesso em: 10 jan. 2025.

13 TERTRAIS, Bruno. Le piège du Sud Global. *Le Grand Continent*, 3 out. 2023b.

14 *Id.*, *ibid.*

## Recomendações

Parece, assim, imperativo reconhecer-se que

1. BRICS e Sul Global são, antes de tudo, representações simplificadas do mundo.
2. O Brasil e o mundo atuais são complexos demais para admitir simplificações encarnadas pelos BRICS e pelo Sul Global.
3. É urgente uma meditação profunda sobre a natureza dos BRICS e do Sul Global *vis-à-vis* dos interesses nacionais brasileiros.

## Propostas para implementação da política

Existem numerosos fóruns de discussão sobre BRICS e Sul Global. Seria o caso de se reabilitar a ideia de Brasil Global.<sup>15</sup>

Essa ideia foi amplamente difundida entre 2005 e 2013, mas desapareceu no interior das entropias internas do Brasil das noites de junho de 2013 ao 8 de janeiro de 2023.

Agora, mais que nunca, seria o caso de voltar-se a falar do lugar do Brasil no mundo, e não simplesmente nos BRICS ou no Sul Global.

## Conclusão

A tentação brasileira de focar a sua inserção no mundo através dos BRICS e do Sul Global configura uma armadilha intelectual, política e moral perigosa. Não existe unidade nem sincronicidade no interior dessas aglomerações. E, diante da complexidade do Brasil e do mundo atuais, seria mais consequente voltar-se a pensar em Brasil Global.

## Referências

BRICS Brasil. Disponível em: <<https://brics.br/pt-br>>. Acesso em: 1 out. 2025.

GOURDANT-MONTAGNE, Maurice. “D’une certaine manière, les Indiens sont les derniers gaullistes”, une conversation avec Maurice Gourdault-Montagne. *Le Grand Continent*, 13 set. 2023. Disponível em : <<https://legrandcontinent.eu/fr/2023/09/13/les-indiens-sont-les-derniers-gaullistes-une-conversation-avec-maurice-gourdault-montagne/>>. Acesso em: 10 jan. 2025.

---

15 TRINKUNAS, Harold. *Brazil's Rise Seeking Influence on Global Governance*. Washington: Brookings, 2014.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Race et histoire*. Paris: Unesco, 1952.

LYRIO, Maurício. Entrevista. *CEBRI-Revista*, n. 13, p. 141-149, jan./mar. 2025.

SAUVY, Alfred. Trois mondes, une planète. *Le nouvel observateur*, 14 ago. 1952.

SOUTOU, Georges-Henri. *La guerre froide, 1943-1990*. Paris: Pluriel, 2011.

TERTRAIS, Bruno. *La guerre des mondes: le retour de la géopolitique et le choc des empires*. Paris: L'observatoire, 2023a.

TERTRAIS, Bruno. Le piège du Sud Global. *Le Grand Continent*, 3 out. 2023b.

TRINKUNAS, Harold. *Brazil's Rise Seeking Influence on Global Governance*. Washington: Brookings, 2014.

VIEIRA, Mauro. Brics, diplomacia criativa para um mundo em crise. *CEBRI-Revista*, n. 13, p. 14-21, jan./mar. 2025.